



UM MOSTEIRO ENTRE OS RIOS

o território alcobacense

COORDENAÇÃO

António Valério Maduro e Rui Rasquilho

UM MOSTEIRO ENTRE OS RIOS

O território alcobacense

COORDENAÇÃO
António Valério Maduro e Rui Rasquilho

ALCOBAÇA
2021

 Hora de ler

Título: Um Mosteiro entre os rios. O território alcobacense

Coordenadores: António Valério Maduro e Rui Rasquilho

Fotos da capa e da contracapa: Jorge Prata

Concepção e arranjo da capa: Jorge Prata e Gonçalo Fernandes

Edição: AMA - Associação dos Amigos do Mosteiro de Alcobaça

Apoio: Município de Alcobaça

© AMA - Associação dos Amigos do Mosteiro de Alcobaça

 **Hora de ler**

© para a produção

Hora de Ler, Unipessoal Lda.

Urbanização Vale da Cabrita

Rua Dr. Arnaldo Cardoso e Cunha, 37 - r/c Esq.

2410-270 LEIRIA - PORTUGAL

E-mail: horadelerl@gmail.com

Telef.: 244212003 * Tlm: 966739440

Facebook: https://www.facebook.com/Hora-de-Ler-2263586547021316/?modal=admin_todo_tour

Revisão e coordenação editorial: Coordenadores, Nidia Marques e Hora de ler

Montagem e concepção gráfica: Hora de ler

Impressão: Artipol - www.artipol.net

Colecção: *História & Memória* – 26

1.ª edição: Agosto 2021

Edição 1091/21

Depósito Legal: 487067/21

ISBN: 978-989-8991-64-5

Reservados todos os direitos de acordo com a legislação em vigor.

AGRADECIMENTOS

Os Coordenadores e os Autores agradecem a todas as instituições, entidades empresariais e particulares a autorização recebida para fotografar obras de arte e outros elementos necessários para este livro.

Mais agradecem a:

DGPC/Mosteiro de Alcobaça;

Hugo Rilho e Maria Azeitona (apoio informático);

Nidia Nair dos Anjos Marques (revisão de textos);

e aos Párocos e respectivas Paróquias:

Padre José Dionísio (Valado e Maiorga); Padre Ivo Santos (Évora de Alcobaça); Padre Mário Campos (Santa Catarina); e Padre Paollo Lagatta (Nazaré).

INDICE

Prefácio	7
<i>Paulo Inácio, Presidente da Câmara Municipal de Alcobaça</i>	
Introdução	9
<i>António Valério Maduro e Rui Rasquilho, coordenadores</i>	
Caraterização geográfica do território de Alcobaça	27
<i>Maria Virginia Faria Henriques</i>	
O território de Alcobaça antes dos Cistercienses	95
<i>Pedro Barbosa</i>	
A presença humana na quinta e igreja de São Gião: breve análise das fontes documentais e dos trabalhos de arqueologia	113
<i>Carlos Fidalgo</i>	
Castelos dos coutos de Alcobaça	137
<i>Rui Rasquilho e José Lopes Coutinho</i>	
A consideração filosófica da experiência de Deus em Bernardo de Claraval	149
<i>Amílcar Coelho</i>	
Olhares sobre o Mosteiro e o seu domínio	201
<i>Rui Rasquilho</i>	
História fotográfica do Mosteiro de Alcobaça	253
<i>Jorge Prata</i>	
A botica do Mosteiro de Alcobaça	305
<i>Marízia Pereira, Maria do Céu Tereno e Filomena Monteiro</i>	
Os monges em ação: a economia do Mosteiro de Alcobaça na Idade Média	321
<i>Maria Alegria Marques</i>	
Morfoevolução de algumas das antigas estruturas rurais do mosteiro de Alcobaça – Análises arquitetónica e paisagística	355
<i>Maria do Céu Tereno, Marízia Pereira e Filomena Monteiro</i>	
Poderes em conflito: a demanda pelas jurisdições senhoriais entre o rei D. Afonso IV e o Mosteiro de Alcobaça	421
<i>Saul António Gomes</i>	
Os campos dos coutos de Alcobaça: ordenamento hidráulico e valorização do território ..	483
<i>José Manuel de Mascarenhas</i>	
Água cisterciense	543
<i>Rui Rasquilho</i>	
A terra, o trabalho e os frutos no domínio alcobacense (séculos XVII-XIX)	555
<i>António Maduro</i>	
Traduções em Alcobaça, em tempos de renovação monástica: ao lado dos rios, o curso da voz quotidiana	623
<i>Aires do Nascimento</i>	
Artes à Sombra do Mosteiro de Santa Maria de Alcobaça durante a Idade Moderna (séculos XVI-XVII)	655
<i>Vitor Serrão</i>	
Nazaré - Devoção Mariana Universal nos Coutos de Alcobaça	687
<i>João Oliva Monteiro</i>	
A tumularia medieval: abadia de Alcobaça	693
<i>Maria Augusta Pablo Trindade Ferreira</i>	

O Colégio de Nossa Senhora da Conceição de Alcobaça (1648-1833)	707
<i>Antonieta Vera de Sousa</i>	
Convento de Santa Maria Madalena de Alcobaça 1566-1834 / Convento dos Capuchos Arrábidos de Alcobaça	745
<i>Antonieta Vera de Sousa</i>	
A Hospedaria no Mosteiro de Alcobaça	757
<i>João Oliva Monteiro</i>	
O Mosteiro de Alcobaça na Literatura de Viagens	769
<i>Miguel Dias Santos</i>	
Os sinos do Mosteiro de Alcobaça	793
<i>António Maduro, Rui Rasquilho e Hermínio Nunes</i>	
As termas da Piedade (Alcobaça)	807
<i>António Maduro e Jorge Mangorrinha</i>	
Do Juncal a Alcobaça – dois séculos e meio de história cerâmica	835
<i>Jorge Pereira de Sampaio</i>	
Santa Casa da Misericórdia de Alcobaça	857
<i>Jorge Pereira de Sampaio</i>	
A importância do encontro de Alcobaça na revolução de 1820	863
<i>Leonel Fadigas</i>	
A indústria em Alcobaça da Idade Média à Comunidade Europeia: uma síntese (ou quase)	871
<i>Jorge Custódio</i>	
O Rossio de Alcobaça	977
<i>Carlos Gil Moreira</i>	
Os bombeiros e a segurança da população: quando os silêncios também fazem a história	991
<i>Leonor Carvalho e Susana Leão</i>	
O Sindicato Agrícola de Alcobaça e outras organizações de apoio à lavoura e à sociedade	1003
<i>António Valério Maduro</i>	
Cooperativa Agrícola de Alcobaça - história e factos	1007
<i>Luís Peres Pereira</i>	
A Fundação Maria e Oliveira	1009
<i>Luís Peres Pereira</i>	
Chalets e palacetes do Romantismo tardio	1013
<i>Maria Zulmira Furtado Marques</i>	
O comércio em Alcobaça desde o final do século XIX	1033
<i>Luís Peres Pereira</i>	
Como foi comemorado o final da guerra	1049
<i>José Eduardo Reis Oliveira/JERO</i>	
No centenário da atribuição da Torre e Espada de Valor, Lealdade e Mérito à vila de Alcobaça	1053
<i>Fleming de Oliveira</i>	
Coz, o renascer de Cister no feminino	1073
<i>Jorge Figueiredo</i>	
Alcobaça d'outro tempo (e de um tempo novo): museus, coleções e património musealizado alcobacense	1083
<i>Alberto Guerreiro</i>	
Turismo, Património e Desenvolvimento	1129
<i>Eduardo Gonçalves</i>	
Fontes e referências bibliográficas	1141
Autores e seus vínculos	1191
Parceiros institucionais	1198

UM CASTELO "ALTO, GRANDE E ANTIGO": ALGUNS ELEMENTOS PARA UM RISCO CONJETURAL DO CASTELO DE ALFEIZERÃO

JOSÉ LOPES COUTINHO

Tentaremos reunir aqui alguns atributos arquitetónicos e estruturais do castelo de Alfeizerão a partir de quatro representações iconográficas da fortificação e da descrição que dela fez o cronista cisterciense Frei Manuel de Figueiredo em 1781; a partir desses elementos propomos como hipótese de trabalho um esboço de planta para o castelo, para ser revisto em futuras abordagens.

1. Enquadramento

O castelo de Alfeizerão foi edificado a oeste da vila no topo de uma colina alongada com uma disposição no terreno que corre de nordeste a sudoeste (Figura 1), o seu principal vestígio, presente no mapa, é um pano de muralha de aparelho isódomo com



Fig. 1 – O mapa cadastral do monte do castelo

a base de três cubelos; nas ruínas do cubelo mais a ocidente do castelo foi levantado um vértice geodésico bolembreano cuja base/superfície da torre se encontra a 25,78 metros de altitude e ergue-se nas coordenadas $39^{\circ}30'00.4''N$ e $9^{\circ}06'39.6''W$. Pelo desenho sumário da muralha do castelo no mapa, verificamos que o eixo longitudinal dessa muralha acompanha a disposição do monte em que a fortaleza foi erguida (NE/SW) e o pano de muralha com as torres está orientado a noroeste (“norte” nas referências documentais) – numa óptica de simplificação de processos usaremos para as direções no espaço dos alçados do

castelo as designações noroeste, sudeste, nascente e poente.

No mapa das ruínas do castelo do portal do SIPA – Sistema Informação para o Património Arquitetónico¹, as ruínas e as torres da muralha noroeste estão assinala-

¹ Planta ref. DES00016712, in “Castelo de Alfeizerão”, SIPA, cod. IPA-00006701.

das a traço cheio, assim como os poucos vestígios da muralha oposta a sul desta, o petipé de zero a dez metros na parte inferior confere a escala das suas dimensões. Na planta original das ruínas unimos com traços simples os dispersos vestígios de muralhas a sudeste e a nascente e acrescentamos a medida do pano de muralha com os torreões.

O castelo apresenta uma planta quadrangular e a nascente estão assinalados vestígios residuais de uma muralha que fecharia a praça de armas a seguir ao terceiro torreão aí representado. Na referida ficha do SIPA sobre o castelo, ele é descrito como um «castelo de defesa de costa românico, de planta rectangular, reforçado inicialmente por 8 cubelos semicirculares, com torre de menagem de planta quadrada, descentrada do lado E. do recinto». Sobre os oito cubelos (chamar-lhes semicirculares é uma generalização), teríamos seis em volta da praça de armas da fortaleza e, depois da dita muralha que a fechava a leste, outros dois torreões num prolongamento do castelo para nascente com uma muralha barbacã mais baixa que protegia um recinto secundário de dimensões indeterminadas, dados que iremos consolidar no decurso deste levantamento. Na reconstituição conjetural do castelo, indicamos os torreões numerados no sentido dos ponteiros do relógio para efeitos de referência e quanto à torre de menagem de planta quadrada, coibimo-nos de a tentar representar por não a encontrarmos de forma clara na iconografia e na descrição corográfica deste castelo. A sua existência física é muito provável mas o seu posicionamento na praça de armas é uma questão que permanecerá em aberto.

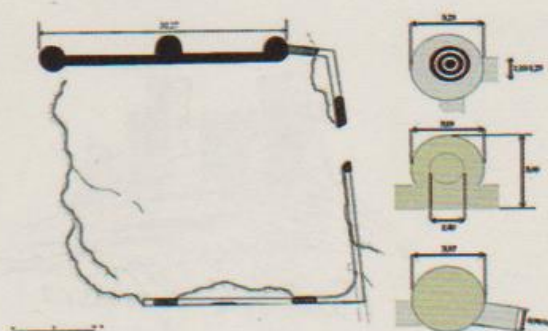


Fig. 2 – Planta das ruínas do castelo (adaptada da planta do SIPA) e um esquema das torres com as suas medidas

2. Os contributos

2.1. A gravura num cadastro dos campos de Alfeizerão

Numa planta dos campos de Alfeizerão que ostenta no verso a descrição “*Planta do Campo que pessui Pedro da Silva da Fonseca em Alfeizerão*”², aparece figurado no canto inferior direito da planta um desenho do alçado nascente do castelo. Pedro da Silva da Fonseca Salvado (1675-1723) foi alcaide-mor de Alfeizerão e o mais destacado proprietário de terras nas margens do rio de Alfeizerão e esta planta constitui um levantamento sobre o curso desse rio e das suas valas, com o registo dos terrenos confinantes e dos seus proprietários (“*ereos*”), a quem caberia contribuir para os trabalhos de recuperação do rio. A autoria desta planta singular pode ser atribuída de forma indireta ao Mosteiro de Alcobaça pelo desenho nesta planta de um

² Biblioteca Nacional de Portugal, doravante BNP, C.O. CX. 6-1.

alegado traçado antigo do rio da Mota, fronteira sul dos Coutos, que sustenta a pretensão conventual a terras na posse da Coroa (Coutinho, 2020:10-11).

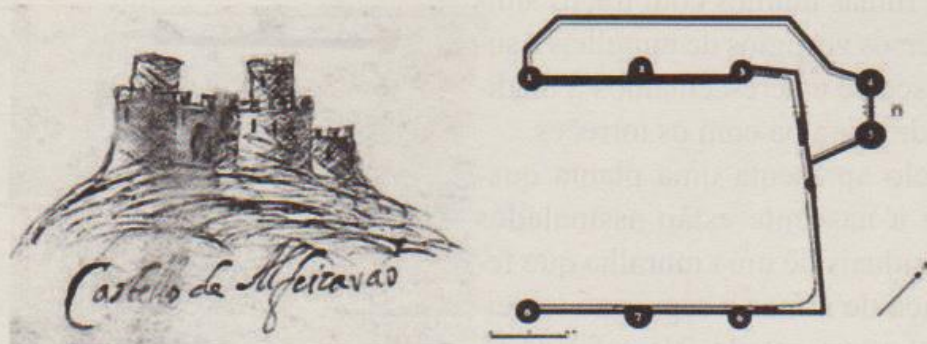


Fig.3 – O desenho na planta dos campos de Alfeizerão e sua planta interpretativa

Vemos neste desenho dois torreões largos de planta circular a ladear a muralha em que se abria a entrada do castelo com a porta em arco elíptico; em segundo plano assomam dois cubelos circulares do recinto principal do castelo, mais estreitos e mais altos do que esses dois torreões de defesa da entrada, à mão direita perfila-se a muralha barbacã do noroeste, todas estas estruturas estão coroadas de ameias e merlões paralelepípedicos e nelas estão abertas seteiras. A descrição de Frei Manuel de Figueiredo que encerra estes contributos documentais testemunha que os recintos destas duas barbacãs comunicavam entre si. O desenho e as dimensões dos recintos e a proporcional extensão das suas muralhas são meros exercícios teóricos.

2.2. O desenho de Monteiro de Carvalho

O desenho mais detalhado do castelo foi executado por José Monteiro de Carvalho, sargento-mor de Infantaria com exercício de engenharia e encontra-se exposto na cercadura de uma carta geográfica da Província da Estremadura³, executada para ser oferecida à rainha (Coutinho, 2018).

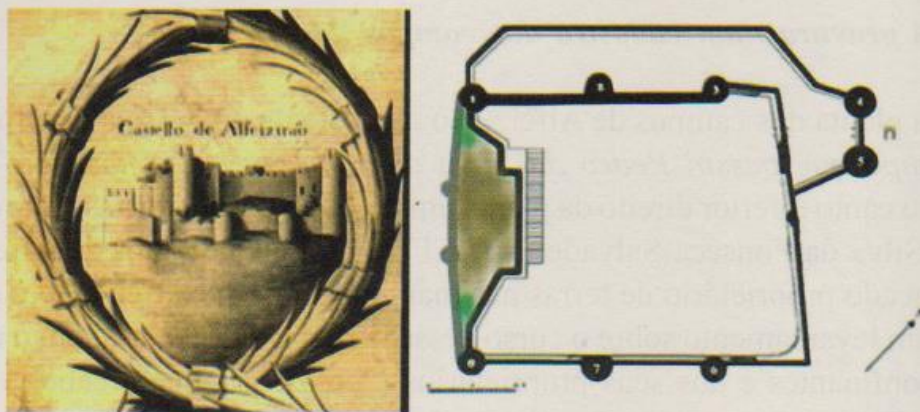


Fig.4 – A gravura de Monteiro de Carvalho e a planta revista

³“Carta Geographica da Província da Estremadura que a S. Magestade Fidelissima e Augustissima Senhora D. Maria I raynhade portugal oferece o sargento mor engenheiro Jozé Monteiro de Carvalho”, BNP, d-156-r.

Esta gravura miniatural destaca o alçado poente do castelo e fixou uma vista oblíqua dos cubelos do alçado noroeste e de um segundo cubelo do alçado sudeste, estando desenhada com segurança a muralha barbacã do noroeste que já surgira no desenho anterior; a planta trapezoidal que supomos para esse recinto apoia-se na forma como Monteiro de Carvalho desenha o perfil anterior dos merlões da barbacã.

O pano de muralha entre os torreões 1 e 8 revela um traçado irregular com um tramo central mais recuado e uma secção reentrante, assimétrica, de ambos os lados, esta disposição da muralha não é fortuita porque ela acompanha a morfologia do terreno que aí conhece um súbito desnível de vários metros. A estabilidade dessa muralha irregular parece estar na origem do grande talude de terra que se admira no desenho, encostado à base da muralha reentrante e fixado no seu sopé por um muro torreado a ligar os dois cubelos ocidentais, construção que cumpria uma função de estabilidade estrutural. Na parte interior do recinto do castelo, essa mesma muralha ocidental terá necessitado no seu tramo central de algum tipo de reforço estrutural, como um alambor ou talude pétreo ou então, adossada a ela, uma escada de pedra para o adarve da muralha.

Ao confrontar as proporções do castelo fixadas por Monteiro de Carvalho com a medida objetiva do diâmetro do seu primeiro cubelo cilíndrico (3,23 m) impõem-se a estimativa da altura dos cubelos cilíndricos e das suas muralhas na ordem dos 9,6 metros de altura; a barbacã do norte neste desenho e os torreões a nascente na planta cadastral dos campos de Alfeizerão parecem erguer-se a 2/3 dessa altura, ombreando um pouco acima dos seis metros de altura na primeira linha de defesa das entradas do castelo.

2.3. O olhar de William Beckford

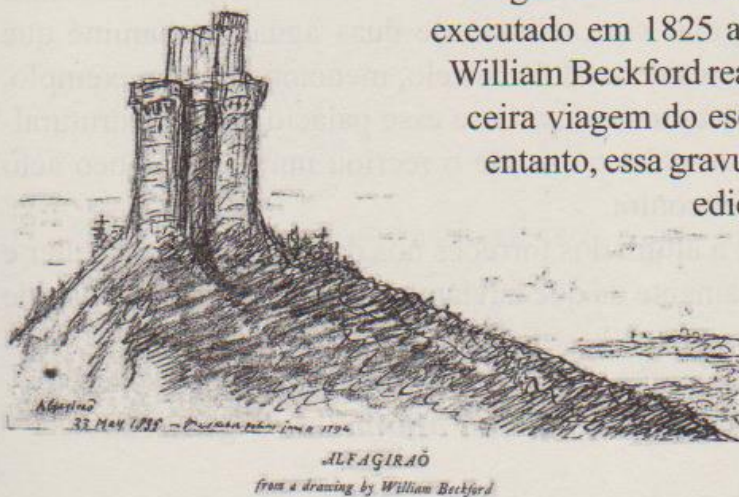


Fig. 5 – O desenho de William Beckford

A gravura do castelo de Alfeizerão (“Alfagirão”) foi executado em 1825 a partir de um desenho a lápis de William Beckford realizado em 1794 no decurso da terceira viagem do escritor por Espanha e Portugal, no entanto, essa gravura só foi publicada em 1928 numa edição dessas viagens pelo escritor e editor londrino Guy Chapman (Beckford, 1928:342). Beckford executa o seu desenho do castelo ao entardecer do dia 11 de Junho quando se dirigia da Pederneira para as Caldas⁴.

Este esboço vespertino de Beckford não acrescenta

⁴ «At some distance we saw a Moorish castle, standing proudly on an insulated eminence, presenting a grand mass; it bears also a grand name, Alfagirão» (Beckford, 1972:170).

nada de substancial ao que conhecemos do castelo, antes semelha um artístico “delírio” romântico do autor. Versando o seu alçado poente, os torreões e do esguio castelo mouro encontram-se sublimados para o alto e o mesmo acontece com uma estrutura no interior da muralha que poderia ser a torre de menagem do castelo ou o seu paço residencial – de toda a forma as suas dimensões e perspectiva são irreais.

2.4. O desenho de Charles Van Zeller

O esboço de Charles Van Zeller (Valente, 1942:54)⁵, capitão da brigada inglesa ao serviço da rainha D. Maria I, foi realizado no ano de 1834 na mesma viagem em que desenhou o (hoje) desaparecido pelourinho de Caldas da Rainha (Chaves, 1938:63).



Fig. 6 – O croquis de Van Zeller

Este desenho apressado de Van Zeller, realizado num ponto a sul do eixo longitudinal do castelo, recolhe uma perspectiva angular dos alçados poente e sudeste do castelo. Do lado poente, mesmo com traços confusos e sobrepostos, o desenho confirma parcialmente o registo de Monteiro de Carvalho e nele se percebe o início da barbacã do noroeste, assim como o muro baixo com os dois cubelos que sustinha as terras defron-

te da muralha reentrante. O alçado sudeste do castelo revela a degradação do castelo após o sismo de 1755 porque nele só encontramos o cubelo mais a ocidente, os outros dois cubelos e a sua muralha já não se encontram de pé e sobressai na praça de armas um edifício alto de planta retangular com telhado de duas águas e chaminé que corresponderá certamente ao paço residencial do castelo, mencionado, por exemplo, por Frei Manuel de Figueiredo. Fica-nos a dúvida se esse palácio estaria estruturalmente intato como Van Zeller o desenha ou se ele o recriou num espontâneo acto criativo a partir das ruínas que aí encontra.

A proporção entre a largura e a altura dos torreões nos desenhos de Van Zeller e Beckford não diverge significativamente da que havíamos encontrado no desenho de Monteiro de Carvalho.

2.5. A descrição do castelo pelo cronista Frei Manuel de Figueiredo

Frei Manuel de Figueiredo, em 1781, na sua preciosa obra manuscrita sobre os Coutos de Alcobaça que foi transcrita e estudada pelo professor Gerard Léroux (Leroux,

⁵ A existência deste desenho foi-nos revelada pelo engenheiro Adriano Luís Monteiro, investigador e bibliófilo, que prontamente nos transmitiu com a desprendida generosidade que o caracteriza. Aqui lhe endereço os meus agradecimentos.

2020), faz uma descrição pormenorizada do castelo de Alfeizerão que concorda em muitos pontos com as fontes iconográficas que aqui inventariámos. No excerto que reproduzimos, interpolamos entre parênteses uma sequência de algarismos que cotejam as passagens do texto com a planta conjetural do castelo.

«A vila de Alfeizerão fica superior às suas campinas, que a cercam do Sul, Norte e Poente, e desta parte se eleva um formoso rochedo, bem fronteiro à barra de Salir, sobre o qual está fundado o seu destruído Castelo, do qual mostram as ruínas era formado de uma muralha guarnecida nos quatro lados, e nos quatro centros, com oito torreões redondos; da parte do Nascente se avança uma muralha coroadada de ameias [1], com algumas janelas desiguais na altura, e se conservam algumas abertas, e

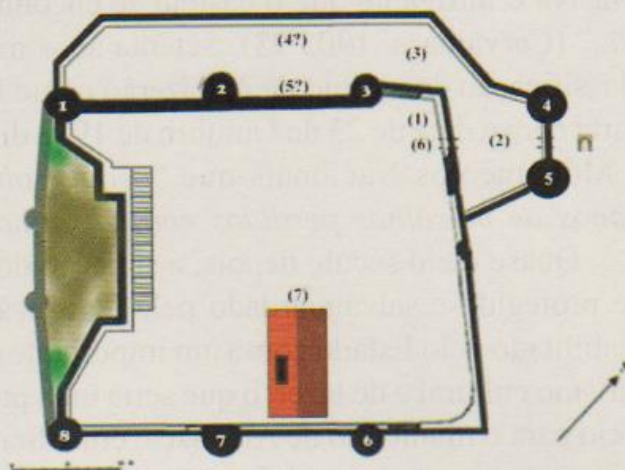


Fig. 7 – O esboço de planta do castelo com a numeração remissiva

outras tapadas de pedras; no meio deste corpo está mais avançada para o Nascente outra muralha, que forma uma casa quase quadrada [2], e mais baixa no estado a que está reduzida; esta muralha, unida ao Castelo, o cerca também pela parte do Norte [3], na qual ficava a porta mais principal, que já não existe [4, de localização desconhecida], e, fronteira a esta no corpo do Castelo e muralha interior, outra porta arcada [5, de localização desconhecida], e da parte do Nascente, contígua à obra mais destacada em que já falamos, outra porta [6]. A parte da obra que cerca o Castelo tem no interior várias divisões, portas e uma cisterna; esta obra, pelo que mostra, era o Palácio [7] em que muitas [vezes] se aquartelavam os Reis, e, no ano de 1630, ainda conservava as traves, como consta das Memórias que extraímos dos Livros da Câmara» (Leroux, 2020:125-126).

3. Considerações finais

Em 1758 o pároco de Alfeizerão, o padre Manuel Romão, em resposta ao inquérito pombalino, testemunha que no castelo com o grande terramoto «cahio muita parte, mas sempre lhe ficarão bastantes torrez illezaz» (Memórias paroquiais, vol. 2, n.º 53, 469). É este castelo soçobrado («alto, grande e antigo» segundo o mesmo pároco) que o cronista de Alcobaça descreve e foi desenhado por Beckford e Van Zeller; desde então a fortaleza foi sendo depredada de forma contínua e as suas pedras estão seguramente disseminadas por muitos sítios, usadas para aprovisionar a edificação de obras públicas e privadas. No ano de 1903, José Joaquim de Almeida Carvalhais (ou Carvalhaes), escavador e colaborador do Museu Etnológico e do seu diretor, José

Leite de Vasconcelos, realiza escavações na freguesia e traça uma planta esquemática do castelo com o desenho de um quadrilátero quase perfeito com ângulos rectos e provido de sete torres (os vestígios delas?), desenho onde já não existia um dos alçados laterais (dedutivamente, o alçado nascente) e Carvalhais atesta de uma forma evasiva e intrigante que o castelo se encontrava num “*regular estado de conservação*” (Carvalhaes, 1903:93). Setenta anos mais tarde, no processo que culminou na classificação do castelo de Alfeizerão como Imóvel de Interesse Público, lê-se numa carta com a data de 23 de Outubro de 1973 dirigida ao Arquitecto Diretor dos Serviços e Monumentos Nacionais que “*o que sobrevive dessa fortaleza são ruínas de panos de muralhas perdidos em denso matagal*”⁶.

Quase meio século depois, a situação do monumento permanece igual e, apesar de protegido e salvaguardado pela legislação, aguarda a hora de ser recuperado e reabilitado pelo Estado como um importante marco histórico e um potencial ponto de turismo cultural e de lazer, o que seria uma preocupação legítima e um trabalho meritorioso para o município de Alcobaça, em articulação com os organismos que tutelam a cultura e o património edificado neste país.



⁶ *Ruínas dos panos da muralha do Castelo de Alfeizerão: Processo Administrativo*, p. 8, SIPA, Código de referência PT DGEMN:DSID-001/010-005-1188/3.

EDIÇÃO



APOIO




ALCOBAÇA
Dê lugar ao Amor

ISBN 978-989-8931-64-5



9 789898 991645 >

 Hora de ler